

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. 30 DE JULHO DE 2015



Principal estreia da semana, terceiro capítulo da franquia de horror mostra paranormal ajudando adolescente perseguida por espírito maligno

“Os fantasmas fogem de nós”

Pesquisador e parapsicólogo do Recife fala sobre as assombrações do cinema, tema da estreia Sobrenatural: a origem

LARISSA LINS

larissalins.pe@dabr.com.br

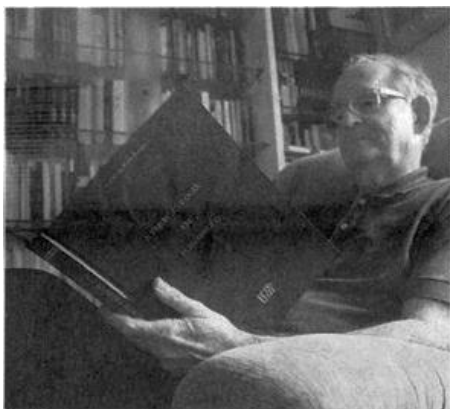
Se você chama um fantasma, todos os outros podem ouvir”. A frase é da personagem Elise Rainier (Lin Shaye), que retorna hoje aos cinemas brasileiros no longa Sobrenatural: a origem, o terceiro da franquia de horror. Ela repete o papel dos títulos anteriores: uma “paranormal” capaz de se comunicar com os mortos. No enredo - situado em época anterior ao assombro da família Lambert, núcleo dos dois primeiros filmes - Elise “sente” uma presença demoníaca e orienta a adolescente Quinn a não tentar contactar a mãe, recém-falecida. O conselho é fruto da experiência com fenômenos sobrenaturais, fundamental nas batalhas travadas ao longo da trama, entre vivos e desencarnados. Combates que escapam das telas e ocorrem, sim, na vida real. Pano de fundo da carreira do pesquisador e parapsicólogo Valter da Rosa Borges, “caça-fantasmas” recifense.

CASOS NO RECIFE RELATAM ROUPAS QUEIMADAS POR COMBUSTÃO ESPONTÂNEA

Casos como o retratado no filme, em que a garota é assombrada por uma entidade maligna, fazem soar o telefone do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas (IPPP) desde 1973, quando foi fundado. Fenômenos “poltergeist” são, na história da casa, os mais comuns. Objetos que se movem ou roupas em combustão espontânea sinalizam que há algo errado. “A quase totalidade dos casos é provocada pela mente humana”, explica Valter. O restante é mistério. Fantasmas, porém, não existem na parapsicologia. São classificados como alucinações.

O tema do clássico Poltergeist - o fenômeno (1982), por exemplo, é explicado pelo pesquisador como uma série de efeitos da mente perturbada. “Mais comum em meninas entre os 11 e os 14 anos, com algum trauma ou grande aflição”, diz. No Recife, recorda-se de dois prin-

cipais casos. O primeiro, uma adolescente que não aceitava a madrasta e provocava a combustão espontânea das roupas do pai. O segundo, outra jovem, que movia garrafas entre os cômodos da casa, traumatizada com a morte de uma criança da qual era babá. “Não há nada sobrenatural nisso. São ações da força da mente”, destaca o pesquisador.



Valter investiga fenômenos há mais de 50 anos

Valter acredita que o cinema reforça o imaginário popular, enfraquecendo a crença das pessoas na ciência e reforçando os medos e superstições. Objetos mal assombrados, como a boneca Annabelle - do filme homônimo (de 2014) e de Invocação do mal (2013) - não são “aceitos” nas investigações do IPPP. “Os objetos, no máximo, facilitam a conexão mental de uma mente a outra, geralmente dona daquele item”, elucida Borges, que não se incomoda com o título de “caçador de fantasmas”. “Se alguém conhecer algum, mande à minha casa, que será bem recebido. Mas acho que os fantasmas fogem de nós.”

O IPPP

O Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas atende a chamadas pelo site (www.parapsicologia.org.br). Aos sábados, promove debates, a partir das 9h, sobre parapsicologia, filosofia e fenômenos paranormais. Atualmente, a equipe pesquisa sobre gravações espontâneas em aparelhos eletrônicos.

O pesquisador

Valter da Rosa Borges, 81 anos, fundou o Grêmio Cultural Joaquim Nabuco, o IPPP, a Academia Pernambucana de Ciências e a Sociedade Internacional de Transcendentologia.

Escreveu mais de 20 livros, entre A parapsicologia em Pernambuco, Deus: realidade ou mito? e A mente mágica.

Atualização: 30/07/2015 12:12

diariode.pe/viver

Cinema »Sobrenatural: A Origem estreia no Brasil e "caça-fantasmas" recifense comenta o tema

O pesquisador e parapsicólogo Valter da Rosa Borges fala sobre fenômenos paranormais de clássicos do terror

[Larissa Lins](#) - Diário de Pernambuco

Publicação: 30/07/2015 08:10



Sobrenatural: a origem "explica" as assombrações dos dois primeiros títulos da franquia. Foto: Sony/Divulgação

“Se você chama um fantasma, todos os outros podem ouvir”. A frase é da personagem Elise Rainier (Lin Shaye), que retorna nesta quinta-feira (30) aos cinemas brasileiros no longa *Sobrenatural: A Origem*, o terceiro da franquia. Ela repete o papel dos títulos anteriores: uma “paranormal” capaz de se comunicar com os mortos.

No enredo - situado em época anterior ao assombro da família Lambert, núcleo dos dois primeiros filmes - Elise “sente” uma presença demoníaca e orienta a adolescente Quinn (Stefanie Scott) a não persistir em tentar contactar a mãe, recém-falecida. O conselho é fruto da experiência com fenômenos sobrenaturais, fundamental nas batalhas travadas ao longo da trama, entre vivos e desencarnados. Combates que escapam das telas e ocorrem, sim, na vida real. Pano de fundo da carreira do pesquisador e parapsicólogo Valter da Rosa Borges, “caça-fantasmas” recifense.

Casos como o retratado no filme, em que a jovem é assombrada por uma entidade maligna, fazem soar o telefone do IPPP (Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas) desde 1973, quando foi fundado. Fenômenos “poltergeist” são, na história da casa, os mais comuns. Objetos que se movem ou roupas em combustão espontânea sinalizam que há algo errado. “A quase totalidade dos casos é provocada pela mente humana”, explica Rosa Borges. Os restantes são mistérios.

Fantasmas, porém, não existem na parapsicologia. São classificados como alucinações. O tema do clássico *Poltergeist - o fenômeno* (1982), por exemplo, é explicado pelo pesquisador como uma série de efeitos da mente perturbada. “Mais comum em meninas entre os 11 e os 14 anos, com algum trauma ou grande aflição”, diz. No Recife, recorda-se de dois principais casos. O primeiro, uma adolescente que não aceitava a madrasta e provocava a combustão espontânea das roupas do pai. O segundo, outra jovem, que movia garrafas entre os cômodos da casa, traumatizada com a morte de uma criança da qual era babá. “Não há nada sobrenatural nisso. São ações da mente.”



Valter da Rosa Borges pesquisa fenômenos paranormais há mais de 50 anos. Foto: Larissa Lins/DP/DA Press

Valter da Rosa Borges acredita que o cinema reforce o imaginário popular, enfraquecendo a crença das pessoas na ciência - campo de atuação da parapsicologia - e reforçando os medos e superstições. Objetos mal assombrados, como a famosa boneca Annabelle (personagem do filme homônimo de 2014 e de *Invocação do mal*, lançado em 2013) não são “aceitos” nas investigações do IPPP. “Os objetos, no máximo, facilitam a conexão mental de uma mente a outra, geralmente dona daquele item”, elucida Borges, que não se incomoda com o título de “caçador de fantasmas”. “Se alguém conhecer algum, mande à minha casa, que será bem recebido. Eu adoraria vê-los, mas acho que os fantasmas fogem de nós.”

O INSTITUTO

O Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas atende a chamadas enviadas pelo site (www.parapsicologia.org.br). Aos sábados, promove palestras e debates, a partir das 9h, com temas que envolvem parapsicologia, psicologia, filosofia e fenômenos paranormais. A equipe desenvolve estudos variados e, atualmente, pesquisa sobre gravações espontâneas em aparelhos eletrônicos.

O FILME

Sobrenatural: a origem (*Insidious: Chapter 3*), que estreia nesta quinta-feira (30), nos cinemas de todo o país, é dirigido por Leigh Whannell e estrelado por Dermot Mulroney e Stefanie Scott. É o terceiro título da franquia e destina-se a “explicar” a gênese dos mistérios que assombram a família Lambert.

O PESQUISADOR

Valter da Rosa Borges é pesquisador, professor e parapsicólogo. Fundou o Grêmio Cultural Joaquim Nabuco (1950), o Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas (1973), a Academia Pernambucana de Ciências (1978) e a Sociedade Internacional de Transcendentologia (1999). Escreveu mais de 20 livros, entre A Parapsicologia em Pernambuco, A mente mágica e Deus: realidade ou mito?



A estreia de Sobrenatural: a origem, que chega aos cinemas brasileiros nesta quinta (30), reforça o imaginário coletivo em torno dos fenômenos paranormais. O título soma-se a uma extensa lista encabeçada por clássicos como Poltergeist: o fenômeno, O exorcista, Invocação do mal e o recente Annabelle. Para o parapsicólogo recifense Valter da Rosa Borges (81), os enredos não apresentam nada de extraordinário. São casos de rotina na carreira do pesquisador, conhecido como “caça-fantasmas.”

Fundador do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas, Borges se dedica, desde a década de 1970, a investigar fenômenos paranormais no Recife. “Estudamos a telepatia, a premonição, a clarividência e, finalmente, a ação da mente sobre a matéria, que são desdobramentos da psicocinesia”, explica o pesquisador. Tudo isso, segundo ele, existe e já foi comprovado. O desafio é analisar e resolver cada caso, levantando hipóteses com metodologia científica e tratando distúrbios da mente.

Em entrevista exclusiva ao Viver, Borges listou alguns casos memoráveis e explicou alguns dos fenômenos mais abordados na indústria cinematográfica. Confira:

CASOS MARCANTES

Edifício Paris

Na década de 1980, Valter da Rosa Borges foi convidado por uma colega médica a investigar fenômenos paranormais no Edifício Paris, em Santo Amaro, Zona Norte do Recife. Com grande repercussão na imprensa e sociedade em geral, o caso envolvia todo o condomínio: em diferentes apartamentos, sendo um deles o mais afetado, objetos se moviam e quebravam sem explicação. Frascos de remédio, garrafas de bebida, jarros e peças decorativas cruzavam cômodos e eram arremessados contra as paredes. Policiais, um padre, um pastor evangélico, um médium e uma mãe de santo haviam sido convocados ao local, mas o mistério continuava a se repetir, sem solução.

“Era evidente que os fenômenos estavam sendo provocados por um poltergeist. Só precisei identificar quem era”, lembra Rosa Borges. A investigação é conduzida, a princípio, por eliminação de “suspeitos.” Na maioria dos casos, o “autor” é uma menina, entre 11 e 14 anos. No Edifício Paris, a poltergeist era uma adolescente, ex-babá, que havia presenciado a morte da criança de quem cuidava, por atropelamento. “Ela estava traumatizada. E precisei esclare-

cer, antes de tudo, que aqueles fenômenos não eram uma tentativa de comunicação da criança morta, como alguns acreditavam, mas uma manifestação da mente da própria menina”, explica Rosa Borges. Aquela foi a primeira vez em que ele testemunhou, in loco e em tempo real, o fenômeno poltergeist acontecer. “Enquanto conversava com a tal menina, uma garrafa se deslocou da cozinha até nós dois, em movimentos curvos e não-uniformes, e se estourou contra a parede”, recorda. O tratamento psicológico da jovem encerrou definitivamente o problema.

Fogo no armário

Também no Recife, um jovem viúvo contactou o IPPP em busca de ajuda depois que as roupas dele começaram a pegar fogo dentro do armário. Elas se queimavam, mas o fogo não chegava a se alastrar para o restante da casa. As investigações de Borges apontaram para mais um fenômeno poltergeist. A filha do viúvo, com saudades da mãe e ciúmes da madrasta, provocava a combustão espontânea das peças de roupa. O problema também foi resolvido com tratamento psicológico da garota.

Poltergeist de Beberibe

No fim da década de 1990, uma casa do bairro de Beberibe, na Zona Norte do Recife, virou cenário de fenômenos paranormais. Pedras se “materializavam” e caíam sobre o telhado, geralmente à 0h30 e às 6h. Seis adultos (três casais), duas crianças e uma adolescente moravam no local. Uma das mulheres adultas faleceu em acidente misterioso, relacionado ao caso paranormal. Enquanto guardava a louça, pratos começaram a “voar” pela casa. Tomada pelo susto, correu em direção aos fundos da propriedade, onde uma vala estava aberta para a construção de fossa séptica. A queda no buraco provocou sua morte.



A casa em Beberibe foi cenário de um dos casos mais intrigantes investigados pelo IPPP. Fotos: Arquivo/IPPP

Alguns meses mais tarde, as roupas da criança mais nova entraram em combustão espontânea. “Aquele foi um dos casos mais misteriosos, porque não havia na família membros na faixa etária comum aos poltergeists”, conta Borges. O caso foi investigado por pesquisadores do IPPP, mas não diretamente por Borges. Outras roupas, um armário, um colchão e um sofá (foto) também foram queimados sem aparente explicação. Vidros trincavam e copos eram quebrados.

A família acreditava que o irmão mais velho, assassinado anos antes, fosse o agente causador dos fenômenos. Os pesquisadores do IPPP classificaram as manifestações como psicocinesia espontânea, após fotografar todos os objetos danificados e acompanhar a rotina da família.

O poltergeist, porém, não seria uma única pessoa. Mas, sim, as desavenças entre os moradores da casa, sendo dois deles os principais focos (a mulher que falecera e a adolescente, com 15 anos). “Os desentendimentos, a raiva, as tensões motivaram os fenômenos”, lista Rosa Borges. O caso se resolveu com tratamento psicológico e a separação da família - cada casal se mudou para um endereço diferente.



Borges não acredita em fantasmas. Para ele, são alucinações da mente

O fantasma da Faculdade de Direito do Recife

Na década de 1970, se espalharam boatos em torno de um fantasma que circulava pelos corredores da Faculdade de Direito do Recife. A lenda “rezava” que, todo vestido de preto, ele conversava com alguns alunos e professores e até comparecia a algumas aulas. Investigando, encontraram um rapaz que foi identificado como o tal fantasma. Tratava-se de um jovem com perturbações mentais, que frequentava a faculdade sem estar vinculado a ela. O mistério foi resolvido sem necessidade de tratamento psicológico.

Fontes espontâneas de água

O IPPP também foi contactado para investigar um fenômeno curioso: no apartamento de uma escritora, vazava água por lugares inusitados. Paredes, móveis, janelas. Mesmo em pontos nos quais não havia encanação embutida. “Ela já havia passado da idade de provocar os fenômenos do tipo poltergeist, mas estava guardando a angústia de um sério problema. Expliquei que não se tratava de algo sobrenatural, mas da ação da mente perturbada sobre a matéria. Algo muito raro”, conta Borges. Após acompanhamento psicológico, as fontes de água misteriosas cessaram.



OS FENÔMENOS

POLTERGEIST

Fenômeno raro, é provocado pela ação da mente sobre a matéria. O agente é, na maioria dos casos, uma menina entre 11 e 14 anos. Borges aponta as modificações hormonais dessa fase da vida como possível hipótese para a propensão aos fenômenos. Somadas a traumas e aflições intensas, as transformações no corpo da mulher intensificam a perturbação da mente. Objetos se movem de acompanhamento psicológico da pessoa que está provocando o fenômeno.

PREMONIÇÃO

Na parapsicologia, o termo correto é “precognição.” Valter da Rosa Borges acredita que algumas pessoas sejam dotadas de um sentido mais aguçado. Elas seriam capazes de prever pessoas que não são necessariamente dotadas dessa aptidão. É uma sensibilidade rara da mente.

OBJETOS AMALDIÇOADOS

“Não existem objetos amaldiçoados”, determina Borges. Bonecas como a dos filmes Annabelle e Invocação do mal são fruto do imaginário coletivo, reforçado pelas religiões, pelo cinema e pela mídia em geral, segundo o parapsicólogo. O que pode ocorrer, de acordo com ele, é a psicometria: através do contato direto (através do tato) com o objeto, uma pessoa sentir-se ligada a outra (geralmente a dona do item). “O objeto serve como estímulo, sinal, facilitando a ação telepática”, explica.